

## TERRAS E GENTES DE ANGOLA CUANDO-CUBANGO

---



São cento e noventa mil quilómetros quadrados, cruzados por rios de nomes estranhos: Cuando, Cubango, Cuito, Longa, Luengue, Cuchi. Cento e noventa mil quilómetros quadrados onde cabem duas Metrópoles<sup>1</sup> e mais uns Algarves de mata-bicho. Cento e noventa mil quilómetros quadrados numa paisagem queimada por um Sol inclemente e crestada pela frio seco que domina as noites.

É o Cuando-Cubango. O maior distrito de Angola. As terras do fim do mundo, que um punhado de homens arrasta para o desenvolvimento, deixando-se ao mesmo tempo enredar pela magia dos grandes espaços, pelo feitiço de África, pela rudeza da aposta.



Naquela imensidão habitam cento e dez mil almas. Menos do que se amontoam em dois muceques de Luanda. E mesmo assim a concentração é grande. Os concelhos do Cuchi, Serpa Pinto e Cuito absorvem mais de três quartas partes. O resto dilui-se pela orla do Cuito e

do Cubango e salpica, depois, meia dúzia de pequenas povoações.

Lembra-se a gente que de Serpa Pinto ao Luiana distam mil quilómetros (tanto como de Serpa Pinto a Luanda) e começa um pouco a entender o quanto é difícil arrancar o «fim do mundo» para a Angola que luta por queimar etapas de progresso.

«Eu levava dois dias, dois dias e meio daqui a Serpa Pinto — explica-me o Administrador do Cuito-Cuanavale — e dias daqueles compridos. Se tudo corresse bem, claro, porque se houvesse azar, e muitas vezes havia, ficava-se a depender de quem passasse e quando passasse... Hoje demoro duas horas e meia. E a gente de Serpa Pinto começa a vir aqui ao domingo para passear. É uma diferença, não? ...»

É uma diferença, na verdade. Uma diferença enorme que se deve aos doidos que fazem estradas nesta terra. Foram eles que despertaram o Cuando Cubango ao estender a fita de asfalto de Silva Porto a Serpa Pinto. E de repente a capital das Terras do Fim do Mundo passou a ser uma cidadezinha como as outras. Airosa, até, e aproveitando bem o rio que a atravessa. O asfalto cobriu as ruas, nasceram vivendas, subiram os prédios a ainda recente Serpa Pó ficou «integrada». E nessa altura ter-se-á descoberto que — em termos de Angola — até nem está longe. Dez horas por estrada até Luanda, bem menos de metade disso para Nova Lisboa.

E além disso há o caminho de ferro, ligando directamente a Moçâmedes.

---

<sup>1</sup> Metrópole : Refere-se a Portugal Continental

## TERRAS E GENTES DE ANGOLA CUANDO-CUBANGO



Serpa Pinto ficou «repescada» para Angola. Os seus problemas deixaram de ser os leões que, não há muitos anos, vinham espreitar as ruas da cidade, mas sim, os da água, da luz, da educação, do futuro.

E os novos problemas não se atardaram. No que respeita a energia as perspectivas não são brilhantes. Aposta-se agora o município em remodelar a rede, na verdade muito «esburacada» e deixando perder-se

parte importante da energia que debitam os motores. Remodelada a rede (que vai esvair os cofres camarários obrigados, claro, a apoiar-se no governo) estar-se-á longe de resolver o problema. Porque a energia é cara e não poderá, adivinhar-se, atrair a instalação de indústrias. Surge aí o plano de construção duma barragem. Mas demorou tanto o plano de planear que, hoje por hoje, a capacidade de fornecimento de energia de tal barragem seria já insuficiente para as necessidades actuais ...



Talvez pelo agravamento da situação se encontrem as soluções. Viesse a confirmar-se, por exemplo, a viabilidade de exploração de cobre na área de Serpa Pinto (a cidade parece estar sentada em cima dum veio muito promissor) e adivinha-se o empurrão que tudo aquilo não levava. Tal como parece muito crível que, mais tarde ou mais

cedo, se venha a instalar na região uma celulose. Sabida a fome que o mundo tem de papel, conhecida a falta de espaço que se instala por toda a parte, não custa considerar inteligente a elevação da reserva florestal que se garantiu perto de Serpa Pinto. Eucalipto ali, pode crescer como capim. Espaço há. Porque não, portanto ?

Mas se o futuro de Serpa Pinto não parece oferecer grandes angústias, nem do concelho vizinho, o Cuchi, tradicionalmente a região mais rica e populosa do Distrito, o que dizer do resto?

Para o Cuchi a angústia é nenhuma. Mesmo antes da asfaltagem da estrada entre Serpa Pinto e Artur de Paiva, hora e meia chegam para percorrer, de carro, a ligação a qualquer uma das localidades. Condições para agricultura não faltam. No Chilele, por exemplo, fomos encontrar dois irmãos a mourejar como doidos para se orgulharem, agora, a mostrar o seu labor de dois anos.

## TERRAS E GENTES DE ANGOLA CUANDO-CUBANGO

Três centenas e meia de hectares de milho híbrido, este ano a renderem seis toneladas por hectare.



E cinquenta de girassol, em jeito de experiência, que resultou lindamente. Para o ano será o grande salto: seiscentos hectares de milho híbrido e centena e meia de girassol. «Havemos de produzir aqui dez toneladas de milho por hectare — garante-me um. — Teremos de irrigar mas havemos de o fazer».

E eu acredito. A terra é ótima, a vontade de trabalhar muita, as técnicas actuais ...

Mas outras perspectivas tem o Cuchi. Dentre elas pode vir a tornar-se bem interessante a apicultura. A volumosa produção de mel, até agora transformada em hidromel e bebida pelas populações, passou a ser apoiada pela Administração e adquirida a preço tentador. Mel e cera poderão vir a ser, portanto, facilmente, duas riquezas significativas do concelho. Já sem falar na pecuária que regista já uma experiência importante ao nível empresarial e oferece condições ótimas.

O pior é cá para baixo. Serpa Pinto, Cuchi e mesmo o Cuito integraram-se já em Angola, acertaram o seu relógio pelo resto do Estado. Mas falta o resto. E o resto é uma imensidade. Uma imensidade, aliás, não esquecida. Por ela avançam duas curiosas equipas de «cow-boys». À frente, em duas frentes, as brigadas da Junta Autónoma das Estradas. Compete-lhes definir as estradas e terraplanar. Saídas de Serpa Pinto ultrapassaram já o Cuito Cuanavale, a caminho de Vila Nova da Armada; pelo outro o Caiundo é meta intermédia a caminho do Cuangar. Atrás, em ritmo impressionante, vêm os Castilhos, asfaltando.



Tanto para o Longa como para o Caiundo, os Castilhos (que atendendo os esforços e colaboração do pessoal que nos últimos oito anos tem consolidado o prestígio da empresa, reuniu alguns antigos colaboradores e formou uma nova empresa denominada NOVEL, SARL — nova empresa de engenharia e estradas) asfaltaram

já uma centena de quilómetros em cada sentido.



Radicados há mais de trinta anos em Angola, os irmãos Castilho — engenheiros e arquitectos — enveredaram há mais duma dezena de anos

## TERRAS E GENTES DE ANGOLA CUANDO-CUBANGO

pelos sectores das vias de comunicação e estradas. Desenvolvendo notável actividade no Sul do Estado, coube-lhes a construção da estrada de Sá da Bandeira à fronteira com o Sudoeste Africano (450 quilómetros) que levou cinco anos a entregar.



Em 1970 construíram o aeroporto de Pereira de Eça. Logo no início de 1971 arrancaram do Chitembo, direitos a Serpa Pinto completando em menos de dois anos (!) o que terá ficado uma das melhores estradas de Angola.

Agora a tarefa continua. Descendo para o Sul, para o Cubango, para servir o Caiundo, Cuangar, Calai e Dirico e para Leste, direitos a Mavinga e Rivungo.

Mas entretanto, enquanto o asfalto não chega, o que se passa pelas povoações ribeirinhas do Cubango?

As comunicações são ainda difíceis, adivinha-se, e as distâncias enormes. Tradicionalmente os comerciantes ali instalados vivem da compra de gado que enviavam, depois, penosamente, para o centro do Estado. Mas o gado — muito vinha do lado de lá da fronteira — foi rareando. Rareando, também, porque as manadas indígenas têm uma mínima taxa de reprodução e o muito que forma vendendo reduziu-lhes a expressão. De qualquer forma a ideia não é desistir. Apoiados pelo governo os comerciantes do Cuangar, do Calai, do Dirico parecem firmemente decididos a enveredar pela pecuária. As condições, nos vastos terrenos junto ao rio parecem óptimas e livres de pragas e doenças. A perspectiva a relativamente curto prazo, de boas comunicações, é também um estímulo valioso.

Entretanto, e para já, a actividade é reduzida. Abstraindo a serração que a Jomar possui no Cuangar — Madeiras do Sul de Angola, Lda — e que trabalha, fundamentalmente o bem cotado girassonde<sup>2</sup>, é nula a actividade transformadora. Mesmo a serração luta com dificuldades de toda a ordem, dada a pequena densidade da floresta, e os problemas de transportes e pessoal. De qualquer forma a sua presença é altamente significativa na região, até como fonte de emprego e a empresa não pensa desistir. Provavelmente enveredará, também, pela agro-pecuária, diversificando, assim a sua actividade.



Quanto ao resto, bem quanto ao resto há ainda o negócio de *Cuca*. Um negócio aliás bem curioso. Todo o dia é um corrúpio de pequenas canoas atravessando o fronteiro Cubango para vir comprar, aos comerciantes do lado de cá, uma ou várias grades de *Cuca*.

O prestígio daquela cerveja angolana para lá da fronteira é enorme e acabou por se transformar num polo de vendas interessante. Para além do pitoresco existente nesta «exportação» transportada à cabeça.

<sup>2</sup> Girassonde: *Pterocarpus angolensis*.

## TERRAS E GENTES DE ANGOLA CUANDO-CUBANGO

---

Fora isso é a paz, a sonolência, o passar do tempo. Agora um tempo mais vivo desde que a TASA, apoiada pelo governo do Distrito, passou a garantir toda a sua cobertura. Duas vezes por semana os aviões da TASA provocam a agitação do «dia de são avião», levando jornais, correio, medicamentos, os pequenos nada ou a peça indispensável, necessários à vida. Com a sua presença o Cuando Cubango ter-se-á sentido, pela primeira vez, já um passo dentro do mundo...



Mas é de justiça referir o trabalho gigantesco que aquela gente, com tantas limitações, tem realizado, Distrito fora. Exemplo das dificuldades fomos encontrar no Rivungo, lá bem encostadinho à fronteira com a Zâmbia, onde chegara uma caravana de quarenta e cinco camiões. Em cima deles, numa viagem que demorara dezanove dias (!) um hospital completo. O futuro hospital do Rivungo. Depois de feito quem se aperceberá do trabalho logístico que ele significou, da epopeia que foi

levá-lo, ao longo de picadas, por vezes mais estreitas do que os camiões. Dezanove dias a fio, pneus desfeitos, rostos cansados, esforço constante...

Exemplo de devoção humana, o médico do hospital do Cuangar, estranha figura de homem calmo e de sorriso tímido, que dia e noite assiste a quem o procura. Assiste e faz mais: raro é o voo que a TASA não transporta para o doutor um caixote de medicamentos. Que ele paga do seu bolso para depois os distribuir aos doentes sem meios. O dr. Cabral, verdadeiro «topa a tudo», não me sairá facilmente da memória. E, certamente, jamais sairá da memória da gente daquela região...

Exemplo de consciência da sua missão, os enquadrantes que encontrei pelo aldeamentos de todo o Distrito. Gente que se integrou completamente na aldeia em que vive, que «virou» um pouco agrónomo para ensinar novas culturas, que dá o exemplo tanto no trabalho como na formação da auto-defesa.

E neste sector de aldeamentos é gigantesco o que já se conseguiu. Em passos enormes as primitivas aldeias vão dando lugar a aldeamentos bem desenhados, amplos, de casas definitivas e agradáveis, sempre apoiadas com uma escola, um posto de enfermagem, um pequeno centro cívico.

Ver as actuais aldeias do Cuando Cubango será a melhor forma de entender a razão porque o terrorismo ali começou por travar e rapidamente começou a recuar. Hoje por hoje — o que não quer dizer que a tranquilidade não possa ser fomentada dum dia para o outro — os terroristas tiveram que se refugiar nas regiões distantes e desérticas ... e esperar.

E a esperar não irão longe. Quando se trabalha como agora no Cuando Cubango, o tempo conta por nós...

## TERRAS E GENTES DE ANGOLA CUANDO-CUBANGO

---

Exemplo, também, o do Major Branco Ló. Jovem e extremamente dinâmico o governador



do Distrito galvanizou completamente os poucos homens com que conta. Girando constantemente por todo o Distrito, moralizando, impulsionando, exigindo... e dando meios para trabalhar, ele arrancou, num prazo recorde, o Distrito da sua sonolência milenária. Foram-lhe dados meios, é verdade. Mas a forma como os utiliza, o entusiasmo e confiança que soube transmitir a toda a gente, a exemplar

dedicação com que se entregou ao trabalho gigantesco de «trazer» as terras do fim do mundo para a Angola de hoje, essa não poderá ser contabilizada.

É o maior Distrito de Angola. Uma imensidão pouquíssimo povoada. Uma paisagem rude e bela, até há bem pouco esquecida da memória dos homens.

A continuar assim, dentro em breve, será, talvez, um dos mais espectaculares pedaços duma Angola que não pára ...

